



MUSEU VIRTUAL DO ÍNDIO CEARENSE¹

Talita Leandro SOBRINHO²
Rachel Facundo Vasconcelos de OLIVEIRA³
Ravena Sombra Martins da SILVA⁴
Stéphanie Olegário PINHEIRO⁵
Alessandra Oliveira ARAÚJO⁶
Carmen Luisa Chaves CAVALCANTE⁷
Universidade de Fortaleza (Unifor), Fortaleza, Ce.

Resumo: Do que lembrar e do que esquecer no momento de preparar o acervo de um “Museu Virtual do Índio Cearense”? Quais são as tramas da memória de um Ceará indígena? Como essas tramas vêm dialogando com os debates e as produções - acadêmicas ou não - em nosso Estado e País? De que modo a criação de um “Museu Virtual do Índio Cearense” poderá contribuir no processo de afirmação étnica das comunidades indígenas envolvidas, uma vez que trará, para o domínio público, resíduos de memória aparentemente esquecidos? São essas as perguntas que norteiam o presente trabalho.

Palavras-chave: Mídias Digitais; Memória; Esquecimento; Índios; Ceará.

INTRODUÇÃO

Muito se tem pesquisado sobre as comunidades indígenas do Ceará. No entanto, essas produções encontram-se ainda dispersas e/ou inacessíveis às próprias comunidades indígenas e à população de um modo geral. Diante de tal situação, surge a seguinte pergunta: por que não investigar os percursos de uma memória indígena cearense e organizá-los em um blog (no caso, ensaio de portal na internet), de modo a apresentar à

¹ Trabalho submetido ao XVII Prêmio Expocom 2010, na Categoria “Produção Editorial e Produção Transdisciplinar em Comunicação”, modalidade “blog”.

² Aluna líder do grupo e estudante do grupo e estudante do 6º. Semestre do Curso “Publicidade e Propaganda”, email: tataleandro@gmail.com .

³ Estudante do 8º. Semestre do Curso “Publicidade e Propaganda”, email: rachel_facundo@yahoo.com.br.

⁴ Estudante do 6º. Semestre do Curso “Publicidade e Propaganda”, email: ravenasombra@hotmail.com

⁵ Estudante do 7º. Semestre do Curso “Publicidade e Propaganda”, email: stephanieopinheiro@hotmail.com

⁶ Professora co-autora do trabalho. Professora do Curso “Publicidade e Propaganda”, email: aleoliver27@gmail.com.

⁷ Orientadora do trabalho. Professora do Curso “Publicidade e Propaganda”, email: kaluchaves@gmail.com.



sociedade - acadêmica e não acadêmica - um material rico, inédito, e que possibilite o surgimento de novas problemáticas de pesquisa?

Mais: como conceber e produzir o portal, contemplando a necessidade de se promover o despertar de uma consciência crítica e cidadã entre as pessoas que irão elaborá-lo - no caso, os alunos da UNIFOR - e entre aquelas que poderão acessá-lo, além de nele interferir - refiro-me, sobretudo aos alunos do ensino médio, público e privado do Ceará, mas também aos integrantes dos povos indígenas em questão -, atuando neste processo como interlocutores qualificados?

Partindo do pressuposto de que a comunicação em ambiente midiático é um poderoso instrumento de educação e fomento à discussão sobre a diversidade, acredita-se que a criação do "Museu Virtual do Índio Cearense" (muvic.wordpress.com) poderá se constituir como uma importante ferramenta para o estudo e o trabalho com as culturas nativas do Ceará. No entanto, é importante esclarecer desde agora que, embora possua características científico-acadêmicas, o "Museu Virtual do Índio Cearense" não está sendo pensado como um espaço formal e institucionalizado. Imagina-se este museu como um lugar interessante, dinâmico e extremamente lúdico. Algo que, em parte, se aproxime do site "Museu da Pessoa", criado no Brasil em 1992, e cujo acervo é composto por histórias de vida de pessoas comuns, escritas em poucas linhas que podem ser vislumbradas em uma foto, um vídeo, ou mesmo ouvidas em diferentes vozes, conforme observou Débora Rocha (2004).

Entende-se que a presente iniciativa, por se tratar da criação de um museu vivo e em permanente construção, dialoga, já em primeira instância, com o conceito de memória. Memória que, na acepção do semiótico Iuri Lotman (1996), aparece como um mecanismo criativo, uma estrutura inerente aos sistemas da cultura, sem a qual não poderia haver uma linguagem comum. Aliás, vale dizer que, tanto para Lotman (1996) como para Paul Zunthor (2001), a memória não se separa da categoria do esquecimento. Lotman (1998) afirma, contudo, que esquecer não é o mesmo que aniquilar. Segundo o autor, o passado diz respeito a uma espécie de estado de latência e conservação que, sob determinadas condições, pode vir à tona, manifestar-se novamente - muitas vezes de modo ressignificado, criativo e, portanto, voltado para a geração de novos sentidos. Daí a afirmação lotmaniana de que a cultura é um *logos* que cresce por si mesmo.

Desse modo, ao se pensar na criação do referido museu, surgem algumas indagações iniciais. São elas: i) do que lembrar e do que esquecer no momento de preparar o acervo do "Museu Virtual do Índio Cearense"?; ii) quais são as tramas da memória de um Ceará



indígena?; iii) como essas tramas vêm dialogando com os debates e as produções - acadêmicas ou não - em nosso Estado e País?; e iv) de que modo a criação de um “Museu Virtual do Índio Cearense” poderá contribuir no processo de afirmação étnica das comunidades indígenas envolvidas, uma vez que trará, para o domínio público, resíduos de memória aparentemente esquecidos?

É a partir dessas questões que apresentamos o “Museu Virtual do Índio Cearense”.

2. OBJETIVOS

- Desenvolver e disponibilizar na internet, em forma de blog, o "Museu Virtual do Índio Cearense" (MUVIC);
- Envolver alunos da UNIFOR e integrantes das comunidades indígenas do Ceará, na concepção e na elaboração de museu virtual educativo;
- Divulgar o referido museu virtual em escolas públicas e particulares de primeiro e segundo graus;
- Contribuir com a discussão sobre a diversidade cultural cearense em ambiente acadêmico (em especial o da UNIFOR) e não-acadêmico (escolas públicas e particulares do ensino fundamental e médio do Ceará; e, sobretudo, comunidades indígenas envolvidas);
- Criar a possibilidade de o MUVIC vir a se tornar um instrumento de afirmação étnica, uma vez que os jovens das comunidades indígenas brasileiras e cearenses cada vez mais fazem uso das tecnologias digitais, sobretudo a internet, no processo de recuperação da memória e (re)construção de suas identidades nativas.

3. JUSTIFICATIVA

Acredita-se que este projeto é relevante na medida em que seu produto final, o "Museu Virtual do Índio Cearense", poderá incitar uma maior integração entre os pesquisadores da área, ao reunir dados de seus estudos em local de fácil acesso.

Em decorrência disso, é provável que o referido museu enseje, entre pesquisadores e/ou entre estudantes, o interesse no desenvolvimento de futuras problemáticas de pesquisa.

Após a sua divulgação nas escolas públicas e particulares do Ceará, o "Museu Virtual do Índio Cearense" provavelmente irá servir como fonte de consulta entre os alunos



do ensino fundamental e médio e, conseqüentemente, como espaço de formação de uma cidadania crítica e responsável.

Outra possibilidade - e das mais importantes - é que os próprios integrantes das comunidades indígenas do Ceará também façam uso do blog como instrumento de afirmação étnica. Intenta-se que o mesmo seja construído em parceria com os referidos índios desde a sua concepção - por meio de sugestões e críticas, envio e análise de materiais publicados, entre outros. O portal poderá ser também utilizado como meio de comunicação entre os integrantes das próprias comunidades.

Acredita-se, ainda, que os alunos da UNIFOR, ao participarem da construção de uma mídia colaborativa com finalidades educacionais, e ao tomarem um maior contato com as culturas indígenas de nosso estado, eduquem-se a si próprios, tornando-se construtores e propagadores do ideal de uma sociedade interessada na valorização das diferenças e voltada para a promoção do bem-comum.

Até o momento, por uma questão de proximidade geográfica, a pesquisa se concentrou quase que exclusivamente na etnia Tapeba, da cidade de Caucaia, situada na zona litorânea do Ceará, a dezessete quilômetros de Fortaleza. Mas já agora, no início de 2010, o MUVIC irá voltar-se para os índios Jenipapo-Kanindé, do município de Aquiraz, também situado em zona litorânea, e com distância de vinte e quatro quilômetros da capital.

Finalizando, vale salientar que a escolha do blog deu-se graças a sua facilidade de manuseio, manutenção, atualização e interação. Acredita-se, assim, que o MUVIC possa despertar o interesse de pesquisadores, alunos e dos próprios indígenas como agentes de construção e manutenção do espaço colaborativo em questão; seja gerando conteúdo, seja interagindo através de comentários, fóruns ou grupos de discussão, entre outras participações possíveis no blog.

4. MÉTODOS E TÉCNICAS UTILIZADOS

A Pesquisa Bibliográfica é a base do projeto, porque é por meio desta que estamos conseguindo nos aproximar de vários conceitos e dados trabalhados por pesquisadores qualificados em nível estadual/regional, nacional e internacional. Após a leitura e o fichamento de textos, os membros do MUVIC reúnem-se em encontros quinzenais para discussão. Até o momento, além dos dados sobre os índios do Ceará, especialmente os Tapebas, o grupo tem estudado conceitos como cibercultura; identidade e pós-modernidade; texto cultural; memória x esquecimento; entre outros.



A Pesquisa Documental, também importante para o MUVIC, vem sendo realizada com documentos contemporâneos ou retrospectivos, como matérias de jornais; relatórios; fotografias e vídeos. Recolhemos também peças do artesanato e produtos de higiene medicinais feitos artesanalmente pelos Tapebas, como colares, pulseiras; xampus e sabonetes.

Realizamos também Entrevistas Narrativas com os Tapebas (dez entrevistas com pessoas acima de 60 anos – em fase de edição). Classificada como uma entrevista não estruturada, de profundidade, e com a característica específica de estimular o entrevistado a falar sobre um acontecimento importante de sua vida e contexto social; a idéia básica da “Entrevista Narrativa”, como afirmam Martin W. Bauer e Sandra Jovchelovitch (in BAUER, GASKELL, 2005, p. 93), é “reconstruir acontecimentos sociais a partir da perspectiva do informante”.

5. DESCRIÇÃO DO PRODUTO OU PROCESSO

*** DESCRIÇÃO DO PRODUTO:

O blog – ensaio de um portal – é uma produção de alunos e professores do curso de Comunicação Social da Universidade de Fortaleza (UNIFOR) e está vinculado ao Projeto de Pesquisa “Comunicação, Educação e Diversidade: ferramentas conceituais para o estudo e o trabalho com a Cultura”, do Laboratório de Educação, Comunicação e Sociabilidades (LABECOS).

A foto do Cabeçalho do Blog (da aluna Helosa Araújo, membro da Central de Fotografia da Unifor) traz as sementes utilizadas pelos Tapebas na confecção de seus colares, anéis, pulseiras e artesanatos em geral.

O blog “Museu Virtual do Índio Cearense” encontra-se atualmente dividido em 4 colunas. São elas:

- a) A primeira coluna possui uma postagem de apresentação do blog com breve descrição e contato. Nesta primeira coluna também estão as atualizações do blog.
- b) Na segunda coluna estão as páginas do blog. Atualmente distribuídas em 13 categorias, é nesta coluna onde se encontra o material pesquisado e produzido pelos integrantes do projeto.
 - Bibliografia sobre Índios do Ceará: listagem de livros, monografias, dissertações, teses e artigos científicos desenvolvidos por pesquisadores em geral.



- Biblioteca Virtual: obras digitalizadas (formato PDF) sobre os povos indígenas do Ceará (em construção).
- Diário de Campo: textos contendo observações sobre as visitas dos alunos da Unifor à comunidade e como os seus trabalhos têm se desenvolvido (em construção).
- Enciclopédia – Produtos MUVIC: breve estudo contendo informações sobre as etnias indígenas cearenses. Até o momento, apenas quatro delas foram listadas - Tapeba, Tremembé, Pitaguary e Jenipapo-Kanindé (em construção).
- Fotografia – Produtos MUVIC: trabalhos acadêmicos de alunos da Unifor que utilizaram a fotografia como ferramenta.
- Game – Produtos MUVIC: jogo educativo sobre os povos indígenas do Ceará (em construção).
- Pequeno Dicionário Tupi – Produtos MUVIC: resgate de alguns nomes e expressões da língua falada por nossos antepassados indígenas.
- Pesquisadores MUVIC: listagem dos participantes do projeto de pesquisa.
- Produção Científica – Produtos MUVIC: artigos elaborados por integrantes do projeto, publicados em anais de congressos e/ou revistas científicas.
- Produções Midiáticas dos Índios do Ceará: produtos elaborados em plataformas midiáticas (vídeo, rádio e etc.) pelos povos indígenas em questão.
- Projetos MUVIC: descrição do projeto “Museu Virtual do Índio Cearense” (em construção).
- Rádio – Produtos MUVIC: *spots* e *jingles* produzidos por alunos da Unifor sobre os índios do Ceará.
- Tv & Cinema – Produtos MUVIC: programas feitos pelos alunos da Unifor sobre os índios cearenses.

Obs: A segunda coluna conta ainda com uma parte dedicada às categorias que representam as 14 etnias indígenas do Ceará.

c) A terceira coluna possui um calendário; um espaço para *links*; e comentários recentes;

d) A quarta e última coluna traz a logo do projeto (desenvolvida por alunos da Agência de Publicidade da Unifor); a listagem dos membros da equipe do MUVIC; e as fotos do *Flickr* – tiradas por alunos vinculados ao projeto (diretamente ou indiretamente), como é o caso dos estagiários da Central de Fotografia da Unifor.



*** CONCEITOS TEÓRICOS ENVOLVIDOS NO PROCESSO DE DESENVOLVIMENTO DO PRODUTO:

O blog e toda a nossa pesquisa vêm sendo construídos a partir da discussão dos seguintes conceitos, com base nos autores listados abaixo:

1) Museu - O termo vem do grego (mouseíon), com o significado de “templo das musas”. Segundo Débora Rocha (2004), ele surge de vários sistemas antecessores de preservação e organização dos materiais produzidos pela humanidade - arquivos, catálogos e bibliotecas.

2) Memória x Esquecimento – A memória, na acepção do semioticista Iuri Lotman (1996), aparece como uma inteligência criativa que guarda aquilo que lhe é importante e, por causa disso, esquece informações que, no momento, não lhe interessam. É o que nos diz Débora Rocha (2004, p.45),

No caso da cultura digital, o fenômeno da grande quantidade de informação disponibilizada na rede e a necessidade de aperfeiçoamento de mecanismos de busca para o encontro rápido e eficaz da informação desejada, demonstra bem a incapacidade de manter-se em foco todo o conhecimento existente durante todo o tempo.

Por sua vez, a memória, em determinadas situações, também se lembra do que foi esquecido, trazendo-o à tona de modo ressignificado, graças ao diálogo que estabelece com os vários textos da cultura. Nesse sentido, a memória também é responsável pela criação.

3) Texto da Cultura – Segundo Iuri Lotman (1996, p. 157, 109), a cultura é uma inteligência coletiva e uma memória coletiva. Ou seja, a cultura é um mecanismo supra-individual de conservação e transmissão de certos comunicados (textos) e elaboração de outros novos. Para o autor, a cultura, em sua totalidade, pode ser considerada como um texto. Mas é importante frisar que é um texto organizado e constituído por uma hierarquia de “textos no texto” que formam complexas redes de textos. Com base nesses conceitos, podemos analisar o blog como um texto da cultura. Um texto que é composto de outros textos (páginas, comentários e etc), capaz (es) de conservar e de comunicar (informações sobre os Tapebas e demais índios; informações sobre a pesquisa em si e etc.), além de criar outros textos (pesquisas futuras; livros de fotografia a serem publicados; discussões dos Tapebas sobre o material exposto no blog e etc.)

4) Cibercultura – Devido ao ambiente em que o “Museu Virtual do Índio Cearense” se encontra (o ciberespaço), e também devido à intenção de que este seja concebido de forma colaborativa, entendemos a cibercultura a partir de André Lemos (in LEMOS; CUNHA, 2003, p.1), que a define como “[...] a forma sociocultural que emerge da relação simbiótica entre a sociedade, a cultura e as novas tecnologias de base micro-eletrônica que surgiram



com a convergência das telecomunicações com a informática na década de 70”. Ou seja, um meio aberto a todos, não apenas na utilização de seu conteúdo como no auxílio de sua construção

5) Identidade – Entendemos que toda a luta dos índios contemporâneos do Ceará traz em seu bojo a discussão de um conceito bastante complexo e nem sempre bem entendido: a identidade. Aprendemos com Stuart Hall (in SILVA (org.), 2009, p. 108-110) que a identidade é um recurso discursivo, inevitavelmente performático e amplamente utilizado nas relações de poder. Em tempos de pós-modernidade, a identidade é cada vez mais fluida e, portanto, não essencialista. Repousa no reconhecimento da diferença e é formatada sobre interesses políticos de representação e de reconhecimento – por parte, normalmente, de grupos excluídos, como é o caso dos Tapebas. Entre os integrantes da comunidade Tapeba, percebemos esse apelo à identidade nativa como uma estratégia para a demarcação de suas terras. É assim que os Tapebas reinventam-se a si próprios, recriando suas narrativas, rituais e indumentárias a partir de outras culturas, pertencentes a diferenciados povos indígenas. Essas informações chegam aos Tapebas por meio das mídias, mas também devido ao contato cada vez mais freqüente que os jovens tapebanos têm com esses outros povos (por vezes, mais distantes culturalmente da sociedade nacional) em encontros políticos regionais e nacionais. Nesse sentido, a busca por uma reconstituição da cultura tapebana, além de se utilizar do resgate de algo que repousa em estado latente, também se apropria de informações que lhes são exteriores (uma apropriação e, conseqüentemente recriação, normalmente encoberta sob o signo do “autenticamente Tapeba”). Fato que tem por finalidades trazer uma maior identificação entre os membros do grupo e também promover uma maior atenção da mídia sobre os problemas enfrentados pela comunidade. Mas fato que também traz desconfiança por parte da sociedade não indígena e, inclusive, por parte dos Tapebas mais velhos, que pouco ou nada se lembram de suas condições de indígenas (isto foi constatado em texto de um antropólogo e nas entrevistas narrativas realizadas pela equipe do MUVIC). No caso do blog, parte dessa performatividade pode ser percebida nas fotografias documentais produzidas pela aluna Helosa Araújo, sobre a Festa da Carnaúba.

6 CONSIDERAÇÕES

Finalizando, importa dizer que o "Museu Virtual do Índio Cearense" deverá, ao final de cinco anos de trabalho, ser constituído por: 1) pesquisas realizadas, ou em desenvolvimento, na área dos estudos indígenas do Ceará - exibidas na íntegra e/ou apenas



listadas; 2) enciclopédia com dados sobre as comunidades indígenas cearenses; 3) acervo de vídeos, fotografias, desenhos, músicas, orações, relatos orais e escritos dos povos indígenas atuais; 4) grupos de discussão/Fórum e blog; 5) game educativo sobre os índios do Ceará e 6) audio-cartilha sobre povos indígenas cearenses. Daí a idéia de transformá-lo em um portal.

O museu em questão deverá ter, ainda, um corpo de consultores (indígenas e não-indígenas), e deverá receber colaborações de: a) pesquisadores e alunos das diversas universidades cearenses e brasileiras; b) alunos de escolas públicas e privadas do ensino fundamental e médio do Ceará; c) integrantes das comunidades indígenas em questão.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAUER, Martín W., GASKELL (Ed.). **Pesquisa Qualitativa com Texto, Imagem e Som: um manual prático**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- CAZELOTO, Edilson. **Inclusão Digital: uma visão crítica**. SENAC: SP, 2008.
- HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-Modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.
- ROCHA, Débora Cristine. **O Museu da Pessoa: a tradição oral como acervo digital**. Mestrado em Comunicação e Semiótica. PUC: São Paulo, 2004.
- SILVA, Isabelle Braz Peixoto da (Org.) **Povos Indígenas no Ceará: organização, memória e luta**. Fortaleza: Memorial da Cultura Cearense, 2007.
- SILVA, Isabelle Braz Peixoto da. **Vilas de Índios no Ceará Grande: dinâmicas locais sob o diretório pombalino**. Campinas: Pontes Editores, 2005.
- SILVA, TomazTadeu da (org.). **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. Petrópolis: Vozes, 2009.
- LE MOS, André; CUNHA, Paulo (orgs). **Olhares sobre a Cibercultura**. Porto Alegre: Sulina, 2003.
- LÓTMAN, Iúri. **La Semiosfera I: semiótica de la cultura y del texto**. Madrid: Frónesis, 1996.
- Museu da Pessoa, site. On line: <http://www.museudapessoa.com.br>. Acesso em 2009.
- OLIVEIRA Jr. Gérson. **Torém: brincadeira dos índios velhos**. São Paulo: Annablume, 2000.
- OLIVEIRA, João Pacheco de (Org.). **A Viagem da Volta: etnicidade, política e reelaboração cultural no Nordeste indígena**. Rio de Janeiro: Contracapa, 2004.
- PALLOT, Estevão Martins (Org.). **Na Mata do Sabiá: contribuições sobre a presença indígena no Ceará**. Fortaleza: Secult/Museu do Ceará, 2009.
- ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz: a “literatura” medieval**. São Paulo: Cia das Letras, 2001.